

SÍNTESE SOCIAL

A REVOLUÇÃO E OS PROBLEMAS SOCIAIS

Quem contempla com isenção o panorama social do ano de 1965 não pode deixar de se sentir dominar por certo sentimento de melancolia e apreensão. O governo revolucionário dedicou-se com exemplar afincio a enfrentar certos problemas de estrutura, a fazer uma violenta terraplenagem legislativa e administrativa, a sanear o meio financeiro, a planejar a economia a longo prazo. Algumas de suas medidas são discutíveis, mas ninguém pode negar que o trabalho foi intenso e, sob muitos aspectos, profícuo. Entretanto, no que diz respeito aos problemas sociais, à situação concreta das populações, o governo não revelou a mesma sensibilidade, ou a mesma eficiência. A colaboração, mobilizada para estes setores, tolhida por dispositivos burocráticos obsoletos, não conseguiu ganhar altura para dominar os problemas e desencadear uma ação rápida e eficaz. O governo deve compreender que ele só se justifica como serviço do povo, que, sem povo, ele não pode subsistir e que o povo pensa em termos concretos, pensa em termos de pão, casa e escola. Ao problema habitacional, dedicamos a Síntese Social do nosso número anterior. Fixamos agora nossa atenção nos outros dois aspectos da situação social brasileira.

A ALIMENTAÇÃO

O GOVERNO sabe que de julho de 1964 a dezembro de 1965 o custo de vida aumentou de 97%, e que o poder aquisitivo

da população está muito longe de ter aumentado no mesmo ritmo. Vale dizer: um número cada vez maior de pessoas se encontram

em condições cada vez piores para atender suas necessidades básicas. Isto significa, para muitos — fome; para muitos, o enfimismo erudito da subnutrição. Não há medidas econômico-financeiras, por mais sapientes que sejam, que possam satisfazer um povo faminto e subnutrido. Em alguns setores, o problema da alimentação não pode mais esconder que entrou por um *impasse*, como é o caso do abastecimento da carne nos grandes centros consumidores. As autoridades competentes saíram para as soluções duras. Reclamamos que não possam ser duráveis. Requisitaram boiadas, isto é, procuraram atender aos efeitos, mas não atingiram as causas da carência, talvez as tenham mesmo exacerbado. Quando as boiadas forem todas requisitadas, haverá amanhã criadores e invernistas dispostos a continuar a produzir?

Talvez as populações urbanas estejam habituadas a um consumo de carne não compatível com as possibilidades da economia nacional. Neste caso, é indispensável que lhes seja oferecido, a preços compatíveis com seu poder aquisitivo, sucedâneos da carne que não lhe enfraqueçam mais a dieta. A carne tabelada se esconde e determina a alta dos preços de todos os produtos que poderiam disfarçar a carência. No entanto, uma enorme possibilidade nos é oferecida pelo mar, no qual não sabemos descobrir a nova dimensão para a solução do problema do abastecimento. Passamos a palavra a um especialista de renome internacional, o Cte. PAULO MOREIRA DA SILVA. Eis o que ele nos diz:

O MAR E O ALIMENTO
DOS HOMENS

“Quando, nos últimos dias de vida, o Presidente KENNEDY enviou ao Congresso o pedido de 165 milhões de dólares anuais, durante dez anos, para, mediante a pesquisa oceanográfica, proporcionar a seu país uma poupança de 3 bilhões, e outros tantos dólares de produção suplementar anual, fê-lo com a seguinte declaração: “O conhecimento do oceano já não é simples questão de curiosidade, mas de sobrevivência da espécie”.

Tinha, então, diante dos olhos, dois relatórios famosos: aquele da National Academy of Sciences sobre pesquisa oceanográfica e “The Planetary Food Potential”, de SCHMIDT. Previa este, com naturalidade, uma população mundial de 30 bilhões, carecente de 760 milhões de toneladas anuais de proteínas — 300 de origem animal — para suprir suas necessidades dietéticas.

Seria um prospecto aterrador se os próprios Relatórios não apresentassem, em contrapartida, a revelação de um vasto potencial esquecido: os oceanos do mundo. Com efeito, SCHAEFFER calculara, pouco antes, que as algas microscópicas — o fitoplankton — da camada superficial, eufótica, do oceano, sintetizam anualmente 19 bilhões de toneladas de carbono, capazes de produzir, através da cadeia alimentar clássica — fitoplankton, zooplankton, carnívoro em primeiro grau, carnívoro em segundo grau (o grosso do peixe pescado no mundo) — 2 bilhões de toneladas de pescado. Ora, admitida a ração superabundante de 60

quilos de carnes por habitante-ano, somente os produtos do mar poderiam nutrir de proteína animal 33 bilhões de seres humanos.

Dos obstáculos a tal sonho podemos nos aperceber examinando a triste situação alimentar do mundo atual. 30 gramas diárias de proteína animal (equivalentes a 50 quilos anuais de carnes) são a ração suficiente para manter um homem em pleno vigor físico; de 30 a 15 é a escala da deficiência; abaixo de 15 é o depauperamento e a doença. Da atual população mundial de 3 bilhões, 1,5 bilhões vivem no estado de carência proteica — funcionando em *valenti* orgânico — e 0,5 bilhões simplesmente morrem aos poucos por falta de proteína. E do portentoso potencial oceânico de 2 bilhões de toneladas de pescado, o homem extrai apenas cerca de 50 milhões.

O problema está, então, em saber por que erro, ou curiosa perversão, a humanidade não tira do mar sua provisão de comida, e prefere, para atalhar o problema trivial do alimento do corpo, a solução negativa de “suicidar” sua prole.

O “CASO” BRASILEIRO

O “caso” brasileiro ilustra à maravilha algumas causas dessa perversão econômica. É dispensável assinalar que bem poucos países do mundo necessitariam mais do pescado, para a solução do problema alimentar, que o Brasil. Dos cinquenta quilos anuais de carnes necessários para manter o homem

fisicamente próspero, dispõe o brasileiro, em média, de 26 apenas; e a média dissimula carências regionais bem mais trágicas: o Nordeste dispõe de 7 quilos somente; o Interior, de apenas 3. Para suprir com carne bovina esta colossal deficiência, necessitaria o Brasil de um rebanho de mais 90 milhões de rezes (Vide *Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca*, SUDEPE, 1963), o que, além de inexecutível, não resolveria — em termos econômicos — o problema, pois as populações mais carecentes de proteína animal não poderiam pagar o preço dessa proteína, inevitavelmente cara, e ainda mais cara quando atingir o nível justo de preço, bem superior ao atual.

Dada a existência de um mercado tão amplo, e tão manifesto com a importação anual de, até recentemente, trinta mil toneladas anuais de bacalhau — equivalente a 120 mil toneladas de pescado fresco — como compreender que a pesca, no Brasil, não se tenha desenvolvido a ponto de sequer influir no problema do abastecimento? Um erro fatal: a ignorância das peculiaridades de produtividade de nosso mar. Com efeito, quando se diz que o mar sintetiza 19 bilhões de toneladas de carbono por ano, cunha-se um dado global: na realidade, num mesmo oceano, podem existir zonas de altíssima produtividade ao lado de regiões quase desérticas. No Brasil, por exemplo, as águas meridionais (do Cabo Frio para o Sul), por serem frias e por dispor de duas fontes anuais de fertilização¹ — a

¹ Os processos de fertilização do oceano são aqueles movimentos que trazem à tona — à zona eufótica, ou penetrada pela luz — os sais nutrientes — mormente os nitratos e fosfatos — acumulados no fundo.

ressurgência, no verão, e as invasões polares, no inverno — propiciam a existência de reduzido número de espécies de grande fertilidade e grandes cictivos, reunidos em imensos cardumes: a *merluza* do Mar Epicontinental argentino, a *corvina* de nossa costa rio-grandense, o *goeto*, de São Paulo, e a portentosa *sardinha*, de Santa Catarina ao Rio de Janeiro. O último, potencialmente o mais barato, talvez, é, ao demais, herbívoro ou carnívoro em primeiro grau, e, assim, um quilo de fitoplacton pode produzir 250 gramas, ou, na pior hipótese, 62 gramas de sardinha; os outros nutrem-se de alimento do fundo, não utilizáveis pelo homem, e, pois, desperdício. Todos, por se remirem em cardumes, seja no fundo — os “demersais” —, seja na superfície — os “pelágicos” —, são capturáveis por artes de grande rendimento — o “arrasto” ou o “cêrco”, que dispensam o anzol e a isca e permitem a conjugação dos esforços humanos na produção. Eis porque um barco de arrasto, de cerca de 300 mil dólares, pode produzir, às custas de dezesseis homens, 2 500 toneladas anuais de pescado, entregues, na cidade do Rio Grande, a 100 cruzeiros o quilo; eis porque uma simples traineira de madeira, com 25 anos, custando menos de 100 milhões de cruzeiros, pode produzir 1 500 toneladas anuais de sardinha, a um preço que ainda recentemente baixou a 10 cruzeiros o quilo.

Este pescado do Sul, prodigiosamente abundante (sòmente a frota de traineiras da Guanabara poderia produzir 400 toneladas de sardinha por dia) é, entretanto, por obstinação e comodismo, mas sobretudo por falta de organização e transporte, oferecido aos mercados do próprio Sul, que, dando o maior poder aquisitivo, dada a modicidade artificial da carne bovina, dada a abundância de apetitosas alternativas, só querem absorver quantidades moderadas do mesmo,² a tentativa de incrementar a produção gerando imediatamente colapsos catastróficos de preço,³ que eliminam a rentabilidade dos barcos e arruinam a produção.

Já no Nordeste, as condições são bem outras. As águas, quentes e muito salinas, favorecem a variedade da fauna, mas não sua abundância; as espécies são quase todas carnívoras do segundo grau (um quilo de fitoplacton produz apenas 15, ou mesmo 4 gramas de pescado); os efetivos são baixos; não se concentram em cardumes; e cada peixe é pescado individualmente, a anzol, exigindo, ao demais, isca (para produzir um quilo de peixe necessitam-se de 10 gramas de isca). Em consequência, o pescado é muito mais caro que aquele do Sul (cerca de seis vezes), e, se aumentada a produção para o mercado local, este, que é pobre, e não tem possibilidade de pagar o elevado preço, retrai-se, acarretando uma crise de produção

² Dificilmente um povo latino economicamente próspero aceita mais de 10 quilos de pescado por ano.

³ Note-se: o preço no entreposto. No varejo, em consequência de vícios do sistema de distribuição, o preço é muitas vezes o triplo do original.

nunca mais grave, pois o investimento econômico é também muito superior.

Entretanto, este pescado escasso e de produção ingrata — o atum, a cavala, o pargo, os badejos, as garoupas, os chernes, o peixe "fino", em suma — tem alta cotação econômica nos mercados "ricos". O próprio atum, com o qual imaginamos, no passado, graças a um artifício simplório ou inconfessável, suprir o Nordeste, cota-se a 500 dólares por tonelada no mercado norte-americano (que em 1970, é previsto, estará importando 1 milhão de toneladas anuais); a lagosta, como é notório, vale 3 dólares o quilo (de cauda congelada). Somente com a produção *exportada*, inteiramente viável, de 10 milhões de dólares de lagosta e de outros de atum, poder-

ia o Nordeste adquirir no Sul, a preço do Sul, 450 000 toneladas de pescado "popular" (se tanto fôsse produzido), garantindo à sua população um acréscimo na dieta proteica de 15 quilos por habitante por ano.

É sobretudo a não-realização desses fluxos⁴ — que se impõem em escala "faraônica" — e a política míope de pequenos estímulos à produção destinada aos mercados mais próximos e mais impróprios, logo fadada à irrentabilidade, que tem impedido o Brasil de tirar partido do potencial de seus mares para resolver a crise alimentar. O oceano brasileiro continua a esperar que os homens apliquem, para o entender e explorar, uma dose de inteligência digna da infinita generosidade de suas águas."

A EDUCAÇÃO

INCONTESTAVELMENTE o Governo enfrentou no campo educacional uma situação difícil. Por um lado, carências tremendas; por outro, áreas altamente politizadas e decididas a levar para a escola o impacto de todas as crises políticas nacionais e internacionais, e a fazer dela, especialmente da universidade, um órgão de pressão política. A escola cria e transmite cultura, função que, essencial nos países desenvolvidos, assume nos de-

mais o caráter de uma urgência dramática. Mas, criar e transmitir cultura e, ao mesmo tempo, funcionar como grupo de pressão — eis atividades absolutamente incompatíveis numa mesma instituição escolar.

Tudo isto é verdade, mas a impressão que nos fica do exercício de 1965 é que a preocupação repressiva se avantajou de muito, no setor educacional, sobre a ação construtiva, destinada a suprir ne-

⁴ Na realidade, em proporções crescentes, eles já se realizam, mas a caminho. Mesmo sem falar na insensatez econômica da solução (investimento dez vezes maior que o transporte marítimo), é evidente que a saturação das estradas esclerosará o fluxo muito antes de ele atingir a proporção necessária. Entretanto, para citar um exemplo, o Governo do Ceará está importando sardinha congelada do Sul para abastecer a população, e consegue vendê-la mais barato que o peixe local dos açudes mais próximos. Exportará, para compensar, "pargo" para o Rio e São Paulo.

cessidades inadiáveis e tremendamente cumulativas.

Certos aspectos setoriais e regionais do problema receberam um impulso notável. Sirva de exemplo, no primeiro caso, a CAPES, e no segundo, o Estado da Guanabara. Mas, não se viu a elaboração de um projeto nacional, destinado a enfrentar, por exemplo, a questão da educação, nem sequer no seu aspecto básico — o analfabetismo crescente que deteriora cada vez mais as condições do desenvolvimento brasileiro. A carência de tal projeto desperdiçou enorme dinamismo da juventude universitária e de voluntários de todos os níveis sociais, que poderiam ser mobilizados para uma campanha intensiva de luta pela alfabetização. Deixou ociosos recursos técnicos, escolas radiofônicas, TV educativas, sem cuja utilização jamais poderemos superar o escândalo de continuarmos um país de analfabetos.

Temos recursos técnicos e pessoal altamente especializado para resolver o problema. A título de exemplo, passamos a palavra à Sra. ALFREDINA DE PAIVA E SOUZA para expor as enormes possibilidades de um dos elementos de solução: a TV educativa.

TELEVISÃO EDUCATIVA

“A televisão educativa pode oferecer, em curto prazo, a milhões de brasileiros, ensino de alto nível, quer do ponto-de-vista didático, através da apresentação de aulas dos melhores professores, quer do ponto-de-vista de conteúdo, promovendo a divulgação rápida e o aproveitamento imediato dos resultados do progresso con-

tínuo da ciência e da tecnologia, antes mesmo que a palavra impressa venha trazê-los àqueles que podem ser seus usuários e propagadores.

Através de seu impacto, como o mais poderoso instrumento de comunicação até agora utilizado pelos homens, está a televisão em condições de ser veículo, para todos os níveis e modalidades de ensino.

A Televisão Educativa é uma realidade vitoriosa em todo o mundo. Não poderia o Brasil manter-se alheio a essa realidade. Na Guanabara, em São Paulo, no Rio Grande do Sul surgiram experiências, em emissoras comerciais, visando a vários níveis e modalidades de ensino. Entre essas iniciativas, cumpre destacar a da TV-Escola da Fundação JOÃO BAPTISTA DO AMARAL, no campo da educação de adultos analfabetos, realizada com reconhecimento do Ministério da Educação e Cultura, quanto à validade de seus cursos, e sob a fiscalização da Secretaria Geral de Educação da Guanabara. Eis o resumo de suas atividades:

1. *Bases do planejamento.* Busca de uma clara perspectiva sobre as mudanças que a ciência e a tecnologia vêm trazendo, cada dia, à vida humana, a fim de elaborar um plano de caráter funcional, capaz de estimular nos alunos analfabetos adultos um interesse contante em aprender e aprimorar suas condições de vida, como seres humanos e membros de uma comunidade.

2. *Meios a empregar.* Todos os poderosos impactos audiovisuais fornecidos pela televisão, e já uti-

lizados em tão larga escala pela propaganda comercial, revestindo as aulas de vida, movimento, ritmo e beleza indispensáveis a uma ação educativa global, rápida e eficiente.

3. *Finalidades gerais.* Proporcionar aos alunos condições para sua promoção humana, social e espiritual, despertando e alimentando anseios de compreensão e paz entre os homens, pois que extrema ignorância e extrema pobreza são um caldo propício para fermentação de ódios e de tensões sociais.

4. *Finalidades imediatas.* Conduzir os alunos ao exercício pleno e esclarecido de seus direitos e deveres, levando em conta que, através da educação, eles tomariam consciência de suas condições miseráveis de vida e, assim, precisariam tomar ao mesmo tempo consciência de suas responsabilidades, potencialidades e capacidade de ação, para se libertarem dessas condições deploráveis. Por essa razão, não bastaria ensinar a ler e escrever, ou proporcionar ensino escolar formal. Leitura, escrita, matemática, higiene, história, geografia — tudo deveria estar ligado aos próprios problemas e aos interesses e necessidades imediatas dos alunos, de modo que daí resultassem melhores condições para compreensão dos problemas da vida na comunidade e um estímulo para busca de soluções adequadas a esses problemas.

5. *Características do ensino.* Criar, com auxílio da televisão, uma escola para analfabetos adultos, em que o desafio do presente fosse enfrentado, e não organizar uma escola semelhante às destinadas a jovens e crianças, nas quais o presente prepara para o futuro.

6. *Condições dos alunos.* Em se tratando de estudantes adultos analfabetos, provavelmente eles viriam à Escola cansados de um dia de trabalho pesado, muitos mal alimentados, trazendo consigo as preocupações que os problemas da vida lhes infligem. Por outro lado, sendo adultos, teriam seus conceitos pessoais em relação ao mundo em que vivem. Embora analfabetos e ignorantes, precisariam ser considerados e tratados como adultos. Para atraí-los à escola e mantê-los interessados no que se desejasse ensinar-lhes, seria necessário fornecer-lhes valores reais, que compensassem o esforço que precisariam realizar a fim de aprender.

7. *Prazo para ação.* A premência de tempo — acarretada por esses fatores: recursos financeiros limitados; necessidade de utilizar as condições de simpatia geradas pelo projeto nos meios educacionais; contingências políticas reinantes e perspectivas abertas pelo rápido desenvolvimento industrial, tão característico do Brasil de hoje —, aconselhava a ação imediata, dificultando uma pesquisa completa sobre os interesses dos analfabetos adultos em todo o território nacional, diferenciados segundo as atividades exercidas no seio da comunidade. Partir de interesses gerais, e procurar os pontos de semelhança básicos, decorrentes da unidade de língua, de costumes e de sentimentos, característica do povo brasileiro, foi a linha de ação adotada pela F.J.B.A.

8. *Motivação.* Foram selecionados, como interesses básicos para motivação das aulas: futebol, música popular, costumes e usos regionais reconhecidos como caracte-

risticos de nosso povo (baiano, jangadeiro, gaúcho, boiadeiro), carnaval, festas populares, etc. Por outro lado, tentou-se a análise das mais prementes necessidades apresentadas pela vida dos adultos alfabetos das grandes cidades e seus arredores, no raio de ação das emissoras de televisão. A partir desses interesses e necessidades, foi elaborado o plano de unidades didáticas, impregnado de espírito democrático e de sentimento cristão, em seqüência gradativa desde os problemas diretos e imediatos do indivíduo e da comunidade, até uma visão mais ampla e mais completa do mundo e de seus grandes problemas.

9. *Matéria.* Tomando como base os programas para educação de adultos, feitos pelo ensino supletivo comum, procedeu-se à seleção de assuntos das diferentes matérias a serem entrosadas no curso: linguagem, matemática, educação sanitária, educação social.

10. *Vocabulário.* Realizou-se, simultaneamente, um rápido levantamento do vocabulário mais acessível aos alunos, usando-se os livros de texto do ensino supletivo comum.

11. *Didática.* Para dar um exemplo das técnicas adotadas, apresentaremos as linhas gerais do primeiro programa. Sua motivação é futebol. O maior astro do futebol brasileiro — PELÉ —, um homem de cor, de origem humilde, foi convidado a participar da motivação inicial.

Para tal fim, fêz-se um filme de três minutos em que PELÉ aparece jogando futebol. Cai. Ao levantar-se segura um livro: *Eu sou Pelé*, sua autobiografia. Nesse mo-

mento o professor de estúdio da TV intervém e mostra PELÉ em retroprojeção, enquanto segura o mesmo livro, dizendo: "Vejam o PELÉ. Ele sabe ler e escrever. Escreveu a história de sua vida. Daqui a pouco tempo vocês todos serão capazes de ler o livro da vida de PELÉ. Mas é preciso começar bem do começo..." E assim é apresentada a primeira aula de leitura e escrita, que termina com a marchinha de carnaval "A, e, i, o, u", enquanto o jogo de futebol volta a ser apresentado em filme: os jogadores trazem nas costas da camisa *a, e, i, o, u*, em vez dos números usuais. Depois é mostrado o placar do jogo, que serve de motivação para a aula de matemática: reconhecimento de escrita de números de um a nove. Após a aula de matemática, novamente cenas filmadas de futebol, havendo queda de um jogador no campo e conseqüente interrupção do jogo, seguida de comentários de assistentes. Reinício do jogo. Último comentário: "Tanto barulho por um machucado sem importância". Surge o professor e explica o perigo de machucados aparentemente sem importância, ensinando "socos de emergência".

Essas linhas gerais do primeiro programa bastam, certamente, para mostrar que o planejamento das aulas se ajustava às características específicas da televisão, apresentando vida e movimento.

Dessa forma, nas aulas, tentamos mostrar cenas de vida real e tomamos dessas cenas os elementos para aprendizagem: leitura e escrita, como foi que a civilização começou no mundo, como é que o Brasil está desenvolvendo suas po-

tencialidades geográficas e históricas, como se deve defender a saúde, como se pode contribuir para o bem-estar da comunidade.

12. *Professores de estúdio.* Como é fácil imaginar, havia necessidade de preparar professores capazes de enfrentar câmeras, nos estúdios de televisão. Para atender a essa situação, dentro da premência de tempo, foram usados simultaneamente, na apresentação de programas, professores primários e artistas, alguns dos quais haviam anteriormente pertencido aos quadros do magistério.

13. *Aulas.* Foram produzidos 78 programas, gravados em videotape, para serem transmitidos durante um curso de seis meses, três vezes por semana. Cada programa tem 50 minutos de transmissão, aproximadamente: 20 minutos de linguagem, 15 minutos de matemática, 15 minutos de educação sanitária ou de conhecimentos gerais.

14. *Material do aluno.* Enquanto era feita a gravação dos programas, foi elaborada uma série de livros de leitura e de matemática, contendo os elementos essenciais de linguagem e matemática de cada lição apresentada, a fim de reduzir ao mínimo as falhas decorrentes de más condições de transmissão ou de recepção dos programas. Foram, igualmente, preparados cadernos-guia e quando o professor de estúdio diz: "Agora vocês vão escrever", cada aluno tem seu caderno, com a adequada orientação para o exercício escrito, que é executado simultaneamente com o que é apresentado na tela do receptor de TV.

15. *Rêde escolar.* Para reunir os alunos analfabetos em grupos,

sob controle dos Supervisores, foi estabelecida, na Guanabara, uma rêde de 105 TV-Escolas, localizadas em fábricas ou em suas proximidades, clubes, igrejas, sindicatos, penitenciárias, quartéis e escolas comuns. Até o Hotel Copacabana Palace, um dos mais importantes e luxuosos do Rio de Janeiro, instalou uma TV-Escola para seus empregados analfabetos. A capacidade de atendimento da rêde, ... 20.000 alunos, distribuídos em dois turnos, com três transmissões semanais, não pôde, entretanto, ser aproveitada, em razão dos horários (das 16 às 17 horas), matriculando-se inicialmente apenas 720 alunos, cujos horários de trabalho lhes davam a possibilidade de comparecimento. Em São Paulo ocorreu fenômeno semelhante, tendo sido oferecidos horários diversos: 11 às 12 horas, 16 às 18, 8 às 9 horas. Ainda assim, o problema da recepção organizada não pôde ser resolvido, tornando evidente que somente a multiplicação de horários, nêles incluindo-se transmissões noturnas, e o aproveitamento de rêdes escolares já existentes (federais, estaduais ou municipais) poderiam permitir um número de matrículas mais alto que o conseguido pela rêde da F.J.B.A.

Convém, no entanto, lembrar, que o número de alunos avulsos (não controlados pelo Serviço de Supervisão da F.J.B.A.) excedeu de muito ao dos regularmente matriculados, atingindo empregadas em serviços domésticos, adultos envergonhados de manifestar publicamente sua condição de analfabetos, doentes em hospitais e grande número de crianças de idade variável,

atraídas pelas aulas, embora elas não lhes fossem destinadas.

Por outro lado, as transmissões feitas pela TV-Rio, no Estado da Guanabara, alcançaram os Estados do Rio, Minas Gerais e São Paulo, onde foram instalados, a pedido de interessados, quatro postos de recepção.

Vale acentuar que, nessa primeira fase de seus trabalhos, a F.J.B.A. estava particularmente empenhada em aferir o valor do instrumento (televisão para educação) e para isso bastaria o número de alunos atingidos em controle regular. Só numa segunda fase, de extensão, seria possível estabelecer cursos de complementação do nível primário e cursos de preparação e aprimoramento profissional.

16. Orientação de recepção. Em razão da carência de professores para as classes, obtivemos a ajuda de um grupo de estudantes de nível secundário, para atuarem como monitores nas salas de aula da TV-Escola, a fim de manejar o televisor, distribuir o material escolar e atender os alunos, conduzindo-os a resolver os pequenos problemas habituais em uma escola. Outro grupo, constituído de professores jubilados, foi encarregado da supervisão da rede escolar.

Para os dois grupos, de monitores e supervisores, foram preparados folhetos com instruções de trabalho, e ministrados cursos intensivos sobre as finalidades e técnicas da TV-Escola, além de quatro programas especiais, sobre o assunto, transmitidos por televisão.

17. Inserção na comunidade. Antes de iniciar-se a transmissão

dos cursos para os alunos, algumas das aulas, já gravadas em vídeo-tape, foram transmitidas, para receber a crítica do professorado carioca. Ao mesmo tempo, um grupo de professores foi convidado a comparecer aos estúdios de TV, a fim de apreciar a preparação das aulas e formar uma idéia justa sobre as vantagens e as limitações do uso da televisão como instrumento para ensino destinado a analfabetos adultos.

18. Ajuda da USAID. Entrementes, a Aliança para o Progresso, interessada no trabalho da TV-Escola, proporcionou a transferência dos 78 programas de 1.^a série, gravados em vídeo-tape, para filmes de 16 mm (cinescópios), fornecendo à F.J.B.A. quatro cópias de cada programa, a fim de possibilitar a extensão dos cursos, a outros pontos do território nacional.

19. Medidas complementares. Para assegurar aos alunos que se alfabetizassem uma continuação de assistência escolar, permitindo-lhes a utilização mais ampla e a consolidação dos conhecimentos e técnicas adquiridas, foi organizado um programa de 2.^a série, cujas 70 aulas, transmitidas ao vivo, abrangeram todos os aspectos do trabalho humano, enquadrados em uma sequência de três temas: a) a busca da matéria-prima; b) a transformação da matéria-prima; c) a distribuição e uso dos produtos do trabalho humano. Simultaneamente, foram criados TV-Clubes para estímulo ao esforço cooperativo, debates de problemas da comunidade e recuperação vocacional dos estudantes já alfabetizados.

20. *Resultados obtidos.* Em 34 meses de atividade, sob o controle da Secretaria de Educação da Guanabara (fevereiro de 1962 a dezembro de 1964), a F.J.B.A. realizou: 262 horas de transmissão; três cursos de 1.^a série, com 78 programas cada; um curso de 2.^a série, de emergência, com 28 programas; um curso de 2.^a série, regular, com 70 programas.

Em 105 núcleos de recepção instalados pela F.J.B.A. foram atingidos: 3.464 alunos de 1.^a série, dos quais cerca de 3.000 foram alfabetizados (mais de 80%); 1.707 alunos de 2.^a série, com 85% de aproveitamento escolar.

Vale lembrar que o ensino supletivo noturno, para adultos, com aulas de segunda-feira a sexta-feira, em períodos de duas e meia horas diárias, só consegue, via de regra, 50% de aproveitamento, e oferece alto índice de evasão escolar. São fáceis de entender as razões: adultos e adolescentes que regressam à casa depois de um dia de trabalho, quase sempre fatigante, não se sentem com disposição de sair todas as noites (exceto aos sábados e domingos), para assistir aulas muitas vezes dadas por professores despreparados ou sobrecarregados de tarefas, em escolas desprovidas de condições para ensino funcional e bem motivado. Não é, pois, de admirar que a TV-Escola consiga realizar em seis meses, com aulas de cinquenta minutos, três vezes por semana, o trabalho de um ano letivo, com resultados muito superiores aos obtidos pela escola comum. E só vinte minutos são dedicados à leitura e escrita, o que significa: 20 minutos $\times$ 78 programas = 1.560

minutos, ou seja, 26 horas para alfabetizar.

21. *Comprovação do valor da TV-Escola da Fundação João Baptista do Amaral.* Sem fazer referência à avaliação e controle dos resultados feitos com auxílio de quarenta professores primários da Secretaria Geral de Educação, convém destacar alguns aspectos dos resultados obtidos:

a) Adoção, desde 1963, da TV-Escola pelo 1 Exército, tendo sido estendido o curso de 1.^a série, em 1964, a todas as Unidades do GUEs: Regimento Escola de Infantaria (REI); Regimento Escola de Cavalaria (REC); Batalhão Escola de Engenharia (BEE); Companhia Escola de Comunicações (CEC); Esquadrão Escola de Reconhecimento Mecanizado (RECMEC); 1.^o Grupo de Canhões 90 Antiaéreo (1.^a G CAN 90) e Grupo Escola de Artilharia (GEA).

b) Adoção, em 1964, das aulas da TV-Escola, sob a forma de Cine-Escola, com utilização de cinescópios de 16 mm, para atendimento aos soldados incorporados em julho (após o início do curso regular por televisão), abrangendo as seguintes Unidades do 1 Exército: Regimento Sampaio (1.^a RI); Regimento Avai (2.^a RI); Regimento Floriano (1.^a RO-105) e Grupo de Obuses (1.^a GO-155).

c) Nova utilização, com 93% de aproveitamento, das aulas da TV-Escola, para os praças incorporados em 1965, abrangendo: Grupo Escola de Artilharia (GEA); Batalhão Escola de Engenharia (BEE); 1.^o Grupo de Canhões 90 Antiaéreos (1.^o GCAN 90); Companhia Escola de Com-

nicações (CEC); Companhia Escola de Intendência (CEI); Regimento Escola de Infantaria (REI); Quartel-General do GUEs; Regimento Sampaio (1.º RI); Regimento Avai (2.º RI); Regimento Floriano (1.º RO-105) e Grupo de Obuzes (1.º GO-155).

d) Adoção da TV-Escola, em 1964, pelo Sistema Penitenciário da Guanabara em três estabelecimentos penais, com 153 alunos voluntários, havendo apenas dois que não aprenderam a ler e escrever.

Quanto a esse ponto, cabe registrar que documento assinado pelo Sr. ARIEL TACLA, Superintendente do Sistema Penitenciário, acentua as possibilidades magníficas que a TV-Escola oferece para recuperação do presidiário brasileiro.

e) Extensão dos cursos a todo o Sistema Penitenciário da Guanabara, em setembro de 1965, através de uma Campanha Geral para Erradicação do Analfabetis-

nas Prisões. Dessa Campanha participam, como monitores das aulas do Cine-Escola, juizes, advogados, médicos, engenheiros, professores, dentistas, militares. A experiência em marcha permite prever resultados excepcionais.

f) Adoção da TV-Escola pelo Serviço de Assistência a Menores do Ministério da Justiça, com alto nível de aproveitamento. (Documento assinado pelo Sr. GLESY MEDEIROS, Diretor do Serviço de Assistência a Menores, naquela ocasião, mostra a perspectiva do que a TV-Escola pode representar para os menores abandonados.)

A experiência da TV-Escola da F.J.B.A. é, pois, um marco decisivo no panorama da televisão educativa brasileira.

O Conselho Nacional de Telecomunicações, por decisão unânime de seus membros, em 30 de junho de 1965, fez a reserva de 98 canais de televisão, para fins exclusivamente educativos, em todo o território nacional."

CONCLUSÕES

O QUE há de tremendo nessa tríplice carência — pão, casa, escola — é o fato de que o tempo que se perde para iniciar uma ação eficaz não passa inaproveitado. O tempo conspira contra nós. Um ano que se vai representa mais de um milhão de pessoas sofrendo as mesmas carências um pouco mais. O problema assumirá um impulso cumulativo, um ritmo de aceleração capaz de conduzir à contingência de um maltusianismo drástico, ou a convulsões sociais de consequências imprevisíveis.

Queremos chamar a atenção do Governo para o fato de que o

problema pão-casa-escola já está em tempo de ser encarado como um problema de calamidade pública. Com a circunspeção da rotina administrativa não se resolve esse trinômio. Para grande males, grandes remédios — e o Governo se atribuiu o poder de aplicar grandes remédios. Não estamos fazendo alarmismo de um jornalismo irresponsável. Estamos fazendo uma advertência grave e consciente. Se o Governo não a atender, o povo guardará dele apenas uma lembrança: não lhe deu pão e lhe limitou a liberdade.